

UM HUMANISTA PORTUGUÊS

Duílio BATTISTONI FILHO

Estamos comemorando os quinhentos anos de nascimento do humanista português Damião de Goes, figura múltipla e erudita, homem de ação envolvido nos negócios, na vida política do dia-a-dia, na guerra, nos serviços de informação e na vida diplomática.

Antes de mais nada, devemos considerar que, nos séculos XV e XVI, o Humanismo foi um programa cultural que se estabeleceu em diversos lugares da Europa. Na realidade, ele é uma cultura laicizada, em concorrência com a cultura clerical oficial, a Escolástica, pelo domínio dos centros do poder cultural. Das universidades às cortes, das escolas às tipografias, essas duas culturas travam batalhas de opinião e de influência na busca da hegemonia. O percurso da cultura humanista em Portugal está profundamente correlacionado com o poder político e cultural do Rei e do Estado. É a política cultural da Coroa e da Corte com o jogo das suas opções que marca os ritmos e as fases da difusão do Humanismo, nos séculos XV e XVI, da sua progressão cultural até à derrota institucional, nos anos 1550-1555.

Natural da Vila de Alenquer, Damião de Goes nasce em 1502, ano cheio de significado, em que se acelera a dimensão mercantil da Coroa de D. Manuel, a importância do eixo Cochim-Lisboa-Antuérpia e a concorrência entre as rotas das especiarias do Cabo e do Levante. Um ano também de afirmação cultural do período manuelino no teatro e na arquitetura.

Em 1511, aos nove anos, torna-se pajem do Paço Real de D. Manuel. É nesse ano que Afonso de Albuquerque conquista Malaca, os portugueses começam a comercializar as especiarias na Ásia e Erasmo de Roterdam publica, em Paris, *O Elogio à Loucura*, que em poucos meses

esgota 20.000 exemplares, sinal mais que evidente do sucesso dessa sátira que é uma crítica profunda à sociedade da época.

É na corte manuelina que Damião de Goes entra numa primeira atmosfera cultural com a música polifônica, o teatro vicentino e a figura de Duarte Pacheco Pereira, que havia escrito o *Esmeraldo de Situ Orbis*, entre 1505-1508.

Em 1523, D. João III, sucessor de D. Manuel, o nomeia secretário da Casa da Índia, em Antuérpia, na época, capital mercantil e financeira da Europa. Essa cidade possuía 60.000 habitantes, e sua Bolsa, criada em 1531, concedia empréstimos através de consórcios de banqueiros, os chamados *asientos*. Nas suas ruas cruzavam-se as mais diferentes línguas e comunidades da Europa. Segundo estimativas, 10.000 estrangeiros se dedicavam ao comércio e às finanças. Circulavam ali não só as mais diversas moedas, mas também idéias e modas. Polo, por excelência, de exportação de tecidos ingleses e desde 1503, o entreposto das especiarias asiáticas e do açúcar antilhano. Havia um requinte no vestuário, na alimentação e no cotidiano. Os mercadores protegiam artistas, escritores e compravam arte inspirada no renascimento italiano. Os artistas buscavam patrocínio e visibilidade, como Dürer e Quentin Metsys¹, o músico Joaquim des Prés e os humanistas Thomas Morus e Erasmo. É nesse universo de mobilidade, liberdade, mas também de conflito, pois a Inquisição é estabelecida nos Países Baixos, em 1522, que Damião de Goes vai servir como funcionário da feitoria, até 1533.

Os anos 20 dos Quinhentos são também os do apogeu de Erasmo e da idéia de que da Bíblia brota a **philosophia Christi**. É no âmbito dessa atmosfera erasmiana que Damião trava amizade com Cornelius Grapheus, professor de latim, poeta e que lhe permite sua iniciação nos estudos dessa língua, ao interpretar obras clássicas, especialmente os discursos de Cícero.

Aos poucos cresce a dimensão latinista do sábio português com a leitura dos escritos de Erasmo, principalmente de seus livros **Enchiridion** e **Novo Testamento**. Aos poucos começa a apreciar a vida mundana e, à medida que se afirma como humanista, destaca-se também

⁽¹⁾ O pintor flemengo executou para Goes uma *Crucificação e a Virgem chorando junto à Cruz*.

como músico e colecionador de arte, mecenas ilustre de múltiplas formas culturais. Vale ressaltar que o domínio do latim não confere ao humanista português apenas uma maior erudição mas também um meio facilitador de comunicação com as elites do poder econômico, político e cultural europeu.

Em 3 de abril de 1531, estando em Wittemberg, Alemanha, janta com Lutero e Melanchton, dois nomes-chave do protestantismo alemão. Assistiu a várias pregações do primeiro e com o segundo, manteve uma correspondência epistolar de sete anos. Aliás, Melanchton é a figura intelectual mais prestigiada do luteranismo, um humanista aristotélico com ligações a Erasmo, que procura harmonizar a ética de Aristóteles com os ensinamentos morais das Sagradas Escrituras.

Nas suas viagens pela Europa, Damião de Goes procura aprimorar suas qualidades também de músico, pois foi um distinto executante de clavicórdio, címbalo e cítara. Adepto da polifonia flamenga, compôs várias peças musicais, mostrando um profundo conhecedor da Bíblia como na *Surge, prospera, amica mia* (Vem rápida, amiga minha), trabalho a cinco vozes escrito sobre palavras extraídas, na quase totalidade, do *Cântico dos Cânticos*.

Em 11 de abril de 1534, Goes inicia um período de cinco meses em Friburgo, Suíça, como hóspede de Erasmo, o príncipe do humanismo. Este incute no português a necessidade de incrementar sua cultura latina, especialmente com a obra de Cícero. Em agosto do mesmo ano, Goes parte para Pádua, Itália, com uma carta de recomendação de Erasmo ao humanista italiano, Pietro Bembo. A influência deste foi enorme, pois o italiano pedira a Goes a imediata tradução para o português das obras de Cícero e um estudo sistemático da História. Sua estada na Itália foi importante, pois ali estaria o germe de seus futuros estudos sobre os reinados de D. Manuel e D. João II.

Depois de várias viagens pelos países europeus, fixa-se em Louvain, Bélgica, onde durante seus tempos de juventude, estudara, e mais tarde, em 1539 se casa com a flamenga católica, Joana van Hargen. Retorna mais uma vez, sempre com o desejo de aperfeiçoar seus estudos clássicos. Publica várias obras em latim como *Os Comentários sobre os acontecimentos na Índia aquém-Ganges*, dedicados a Pietro Bembo, e a pedido deste logo traduzido para o italiano. Essa obra é uma breve história

do chamado primeiro cerco de Diu, praça portuguesa, desencadeado pelo indiano. Aproveita para editar um conjunto de suas obras mais significativas sob o título de *Alquot opuscula* (Alguns opúsculos) e ainda uma seleção de cartas, em latim, que havia trocado com relevantes figuras da época. É preciso não esquecer que Damião seja talvez, o único intelectual português que, em vida, entre edições e reedições de livros e de composições musicais, edita em Veneza, Lyon e Basileia, grandes centros internacionais da edição e do comércio livreiro na Europa, no século XVI.

Em 1545, regressa a Portugal com o firme propósito de tornar-se historiador profissional. Um de seus primeiros livros é a *Descrição da Cidade de Lisboa*, um exercício que junta erudição clássica com a geografia da cidade lisboeta, com elementos sobre navegação, rota do Cabo, desde o infante D. Henrique até D. João II, Vasco da Gama e D. Manuel, tendo como fundo a cidade e o Tejo.

Entretanto, suas obras principais são a *Crônica do Príncipe D. João* e a *Crônica de D. Manuel*. A primeira é uma narrativa dos primeiros vinte e seis anos da vida de D. João II. A segunda relata os acontecimentos passados no reinado de D. Manuel entre 1595 e 1521, na Ásia, Marrocos, Etiópia e Congo, como também em Portugal. Além das grandes conquistas feitas nesses territórios e da vida da corte, Goes se atém a fatos exóticos como, por exemplo, um combate entre um elefante e um rinoceronte e apresentação de índios do Brasil exibindo seus ornamentos e armas. Contudo, essas obias foram contestadas por diversos críticos, já que ele mal toca nos problemas institucionais do país, na vida política e nas relações diplomáticas. Talvez Goes estivesse precavido, com receio de provocar conflitos internacionais.

Denunciado, ao longo dos anos, como hereje pelo jesuíta Simão Rodrigues, que foi provincial da Companhia de Jesus, em Portugal, vai ser preso, em 1571, pela Inquisição. O relevante papel a serviço do Estado viria impedir que a ortodoxia católica dominante o levasse à fogueira.

Em outubro de 1572 é condenado à prisão perpétua no Mosteiro da Batalha. Essa reclusão é aliviada mais tarde, permitindo-lhe uma situação de detenção domiciliar, em Alenquer, onde aparece morto, talvez assassinado, em janeiro de 1574.